

# ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DO PROFESSOR COM A PRÁTICA INCLUSIVA NA SALA DE AULA

Franciane da Silva de Moura<sup>1</sup>  
Wellison de Oliveira Conceição<sup>2</sup>  
Jakson Hansen Marques<sup>3</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo conhecer mais sobre o transtorno do espectro autista, suas definições, suas causas, seu histórico, suas características e analisar os desafios enfrentados no dia a dia do educador em sala de aula com suas práticas inclusivas. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica elencando-se discussões pertinentes para esse entendimento, além da coleta de dados junto a professores de uma instituição de ensino para colher informações a respeito do assunto. O estudo pautado neste tema apontou que os professores conhecem pouco sobre o assunto e que o processo de desenvolvimento do aluno autista exige mudanças na forma de ensinar e adaptações quanto às atividades que serão propostas para que assim de fato seja inclusiva. Dessa forma, é papel fundamental dos professores e também responsabilidade sua a definição de estratégias e direcionamentos para o sucesso desse aluno diante do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras Chave:** Autismo. Prática Inclusiva. Desafios dos Professores.

## ABSTRACT

The aimed of the present research was to know more about autism spectrum disorder, it definitions, its causes, its history, its features and analyze the challenges faced by the classroom educator with its inclusive practices. In order to do so, a research of a bibliographic nature was used, listing pertinent discussions for this understanding, as well as collecting data from teachers of an educational institution to gather information about the subject. The study lined on this theme pointed out that the teachers know little about the disorder and that the process of development of the autistic student demands changes in the way of teaching and adaptations regarding the activities that will be proposed so that it is indeed inclusive. In this way, it is the fundamental role of teachers and also their responsibility to define strategies and guidelines for the success of this student in the teaching and learning process.

**Keywords:** Autism. Inclusive Practice. Challenges of Teachers.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdades FACETEN

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Pedagogia da Faculdades FACETEN

<sup>3</sup> Mestre em Antropologia Social- UFPR, Graduado em História- Unicentro, Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia- UFAM e professor titular da disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdades FACETEN.

## INTRODUÇÃO

Nota-se que há uma incessante busca por uma educação que seja igual para todos, isto se dá pelo fato de ser um assunto atual quando se fala em inclusão de crianças com deficiência ou transtornos nas escolas chamadas regulares. Mesmo com diversas discussões relevantes sobre o assunto, ainda vemos quão limitado é a prática do processo de inclusão dos mesmos, com isto, vem a questão da função do professor, a sua preparação para enfrentar tais dificuldades.

Dessa forma, quando o assunto é o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem com alunos com Transtorno do Espectro Autista, nota-se uma grande preocupação (medo, ansiedade), por parte dos professores, sendo que alguns até resistem ao trabalho com tais alunos, com a dúvida de como fazer, o que fazer. Assim diante dessa problemática que incide sobre os desafios da prática no processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas, buscamos responder o seguinte problema: Quais os desafios encontrados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com transtorno do espectro autista?

E, quando abordamos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o processo inclusivo, o educador mostra diversas dificuldades, justificando o desconhecimento dessa deficiência.

A partir de um breve levantamento bibliográfico, destaca-se que o TEA apresenta-se como um transtorno que se caracteriza pela presença de um desenvolvimento acentuadamente prejudicado na interação social e comunicação, além de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses. As manifestações desse transtorno variam imensamente, a depender do nível de desenvolvimento e idade. Os alunos com TEA apresentam diversas formas de ser e agir, com respostas diferentes entre si (BELISÁRIO, 2010).

E ainda, a literatura cita gestos repetitivos, olhar fixo em algum objeto ou no próprio corpo, algumas manias, como acender e apagar lâmpadas, movimentos repetitivos com os pés, braços ou cabeça, provocam estranhamentos de pessoas que desconhecem esse transtorno (CUNHA, 2013; PEREIRA, 2015).

Outro ponto importante é que o transtorno do espectro autista é mal interpretado pelos profissionais da educação e também por parte das famílias que são leigos no assunto, tornando mais difícil o diálogo e o diagnóstico sobre o transtorno. E é através das afirmações desses autores, é fundamental que se quebrem o padrão

do TEA como doença, dando-se a compreensão da especificidade como um transtorno que se manifesta na infância e prossegue na vida adulta.

Utilizou-se como recursos a pesquisa bibliográfica, a partir de referenciais teóricos para dar suporte na construção do trabalho, seguido da pesquisa de campo exploratória, com abordagem qualitativa, utilizando-se como instrumento de pesquisa a entrevista, conversa informal e questionários. O mesmo foi aplicado em uma instituição de ensino privada na cidade de Boa Vista – RR com professores que tem alunos que apresentam o TEA em sala de aula. Sobre a entrevista, adota-se o raciocínio de Lakatos, Markoni (1996) que ressaltam que os dados obtidos nas entrevistas precisam de tempo e cuidado para serem planejados, para que assim os entrevistados tenham o sigilo de suas respostas e/ou confidências. Além disso, é necessária uma organização no roteiro da entrevista para que os dados sejam corretamente interpretados.

A relevância deste estudo encontra-se na necessidade de conhecer mais sobre o transtorno, suas causas, sintomas, e embasar os desafios enfrentados no dia a dia do educador em sala de aula. Para isso, inicialmente será apresentado um breve histórico sobre o TEA, os sinais aparentes e as abordagens para a aprendizagem da criança com o transtorno; na sequência explicitaremos sobre os desafios do professor na prática inclusiva e para finalizar, apresentaremos os resultados e as análises diante das entrevistas e questionários que foram realizados com professores.

Para a realização deste trabalho, que teve como objetivo geral analisar a importância e os desafios do professor diante do processo de ensino e aprendizagem de alunos autistas em uma instituição de ensino privado, selecionados três objetivos específicos: 1º) Identificar as características do transtorno e os desafios da inclusão; 2º) Estudar as dificuldades encontradas pelos professores quanto a inclusão de alunos autistas; 3º) Explicar as estratégias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento de ações pedagógicas em sala de aula com alunos autistas.

## **HISTÓRICO, LEGISLAÇÃO, CONCEITO E CARACTERIZAÇÃO: Transtorno do Espectro Autista**

O tema TEA vem gradativamente entrando em várias discussões entre os estudiosos, do mesmo modo vem sendo estudado por pesquisadores de algumas áreas, incluindo a educação, devido o surgimento de muitos casos com diagnósticos

realizados em crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista. Durante a década de 90 que pesquisadores e estudiosos direcionaram seu olhar para pessoas com deficiência. Foi então que vários órgãos passaram a criar diretrizes e leis, voltadas para pessoas com TEA na sociedade e nas escolas. Podemos citar como exemplo a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96, que em seu artigo 2º enfatiza a educação como direitos de todos, dever do estado e da família.

Ao discutir o tema inclusão na legislação podemos observar que há leis legais, como a Lei 12.764/12<sup>9</sup> que vem estabelecer a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa do Espectro Autista e esclarecendo seus direitos e que o autismo não é uma doença, e sim uma deficiência.

Direitos da pessoa com TEA:

Art. 3º São direitos da pessoa com transtorno do espectro autista:

I - à vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer;

II - à proteção contra qualquer forma de abuso e exploração;

III - o acesso à ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo:

a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo;

b) o atendimento multiprofissional;

c) à nutrição adequada e a terapia nutricional;

d) os medicamentos;

e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento;

IV - o acesso:

a) à educação e ao ensino profissionalizante;

b) à moradia, inclusive à residência protegida;

c) ao mercado de trabalho;

d) à previdência social e à assistência social.

Na realidade, as famílias que tem parentes com TEA, passam por diversas dificuldades no cumprimento desse Art. 3º, devido as políticas públicas serem falhas e não disponibilizarem os recursos necessário para o cumprimentos dessas exigências legais.

Autismo, Segundo Rodrigues e Spencer (2010, p. 14):

[...] é um distúrbio do desenvolvimento. [...] A pessoa autista apresenta dificuldades de realizar mudanças em sua rotina diária, há, no entanto, a capacidade de refazer ações por imitação, de início, posteriormente por transformação, quando é trabalhado o espaço, casualidade e generalidades em suas ações.

O psiquiatra, Kanner, durante seus estudos sobre autismo na década de 40, realizou uma pesquisa com grupo de crianças que apresentavam características de comportamentos diferentes dos padrões que eram estudados naquela época, sendo dificuldades de comunicação, relacionamento, contatos afetivos e por vezes comportamentos agressivos (BELISÁRIO FILHO; CUNHA, 2010; MACÊDO, 2015), são considerados importantes para as pesquisas nessa área.

Nessa mesma década o médico Hans Asperger, também fez estudos nessa área, onde publicou suas observações em 1944, com o título *A psicopatia autista na infância*, qualificou o autismo como deficiência. Entretanto, esse estudo só foi conhecido pelo meados de 1980. Evidentemente existia diversas semelhanças nos estudos de Leo Kanner e Asperger, sobre comunicação e linguagem, e na década de 50 e 60 o autismo foi caracterizado como transtorno, sendo enfatizado na terceira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais.

Em 2013 foi publicado a nova versão do (DSM), DSM-V, e o Autismo passou ser denominado Transtorno do espectro Autista – TEA. Segundo Macêdo (2015), “sua sintomatologia, manifestada em diferentes níveis de gravidade é caracterizada por alteração da comunicação social e presença de comportamentos repetitivos e estereotipados” (MACEDO, 2015, p. 26). As causas do autismo ainda são desconhecidas e nos últimos anos os estudos que possibilitaram os diagnósticos trouxeram um aumento do número de casos e, o autismo traz diversas outras características, tendo maior destaque àquelas ligadas ao comportamento social, quando é constatada a incapacidade de uma criança autista desenvolver relações pessoais porque o isolamento social prevalece em detrimento à sua interação com os outros grupos sociais.

O diagnóstico deve ser realizado essencialmente clínico. Baseia-se nos sinais e sintomas e leva em conta os critérios estabelecidos por DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística da Sociedade Norte-Americana de Psiquiatria) e pelo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças da OMS) o comprometimento e o histórico do paciente.

É admitido que exista múltiplas causas para o autismo, entre eles, fatores genéticos, biológicos e ambientais. No entanto, saber como o cérebro dessas pessoas ainda é um mistério para ciência. Ainda não se conhece a cura definitiva para o transtorno do espectro do autismo. Da mesma forma ainda não existe um padrão de tratamento que possa ser aplicado em todas as pessoas com o transtorno. Cada paciente exige um tipo de acompanhamento específico e individualizado que exige a participação dos pais, dos familiares e de uma equipe profissional multidisciplinar visando à reabilitação global do paciente. O uso de medicamentos só é indicado quando surgem complicações e comorbidades.

E o ingresso de um aluno com TEA em uma escola regular não é tão fácil quanto possa parecer, pois as características dificultam a elaboração de propostas pedagógicas onde muitos professores não utilizam atividades diferenciadas, ou exclui o aluno totalmente da tarefa proposta assim desrespeitando tanto sua maneira de aprender como o ritmo para a realização da atividade. Devido ao desconhecimento que possuem do transtorno, ou uma formação continuada acabam enfrentando diversos desafios e não possibilitam um desenvolvimento adequado para tais alunos.

### **A INCLUSÃO E O DESAFIO DO PROFESSOR EM SALA DE AULA COM ALUNOS COM TEA**

De acordo com Nunes (2012, p. 289), os professores possuem “[...] concepções caricaturadas sobre o transtorno autista”, sendo assim prejudicando o processo de inclusão do indivíduo com TEA, o que acaba acarretando na exclusão. E segundo a autora, as instituições escolares possuem diversas falhas, como a falta de apoio e desconhecimentos das estratégias efetivas de ensino voltadas para a educação especial. E com isso o professor acaba tendo certa ansiedade, medo em lidar com esses alunos, o que influencia as práticas pedagógicas que não conseguem direcionar a tais alunos.

A educação precisa reconhecer, que todos os seres humanos, a capacidade de evoluir. Santos (2011, p. 47) assegura que a educação, responsável pelo desenvolvimento psicológico dos indivíduos, por sua transformação e,

consequentemente, por sua atuação no sentido de transformar a realidade em que estão inseridos, possui papel importante no desenvolvimento dos indivíduos.

Destacamos nesse trabalho o papel do docente, nesse cenário, ao considerá-lo importante para perceber as primeiras dificuldades de desenvolvimento da criança e, de acordo com Brasil (2003 p.14):

É provável que o professor perceba que a criança tem necessidades educacionais especiais antes mesmo dos seus pais ou do próprio pediatra, mas também é comum que o professor se sinta inseguro de comentar isso com alguém, até mesmo pelo próprio fato de que ninguém, nem mesmo o médico, tenha sequer pensado nessa hipótese anteriormente.

O professor ao perceber que a criança tem dificuldade de se desenvolver acaba ficando com receio de falar com os pais sobre as dificuldades observadas na criança, pois muitos pais não aceitam no início a ideia que tenha transtorno ou outra necessidade educativa especial, tornando-se assim o diálogo entre pais e educadores complicado. Mas é através desse diálogo que haverá um trabalho em conjunto, o professor não dar diagnóstico, mas pode ser um dos primeiros a observar a necessidade do aluno, e repassar para que assim possam começar a intervenção, quanto antes melhor.

A escola pode estar contribuindo, fazendo com que a criança estabeleça contato social. Assim concorda Silva (2012 p.74) ao afirmar que: “A vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência”. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo à vida adulta.

As instituições de ensino são fundamentais para que um indivíduo se desenvolva em todos os aspectos, é nela que se aprende a viver em sociedade e todos devem ter acesso independentemente de alguma deficiência ou transtorno, importante para que se aprenda a conviver com as diferenças.

Segundo Silva (2012, p. 158) professor em sua prática pode estar contribuindo no desenvolvimento social de alunos com autismo através de “utilização de todos os recursos disponíveis relacionados à socialização, aquisição de linguagem e comunicação, e adequação de comportamentos” a fim de garantir o desenvolvimento dessa criança. O professor que não tem formação inicial e continuada vai ter mais dificuldade em sua prática em sala de aula, mas o dever de todos os docentes é estar atento a essas questões de socialização dos alunos de maneira que promova interação, estimulando o desenvolvimento da comunicação/ linguagem. E ainda deve

ter o apoio de familiares, clínico, parceria com o AEE (Atendimento Educacional Especializado) ferramenta para auxiliar no desenvolvimento acadêmico dos alunos com TEA, uma vez que tem direito a receber uma educação de qualidade em ambientes acolhedores, que promovam não apenas o aprendizado para a vida escolar, mas para a vida toda.

Belisário e Cunha (2010) observam que esses alunos podem se beneficiar com as atividades realizadas pelo AEE, devido se tratar de um serviço que contribui para o acesso e a participação de todos no ambiente escolar, mas não deve ser o único ofertado para esse público.

Sobre a inclusão escolar da criança com TEA, diversos autores se dedicaram sobre a temática, onde consideram possível a inclusão desse público. Como cabe ressaltar Chiote (2013) aponta que incluir a criança com autismo vai além de colocá-la em uma escola regular, em uma sala regular; é preciso proporcionar a essa criança aprendizagens significativas, investindo em suas potencialidades, constituindo, assim, o sujeito como um ser que aprende, pensa, sente, participa de um grupo social e se desenvolve com ele e a partir dele, com toda sua singularidade.

Os desafios enfrentados pelo professor para incluir as crianças que tem autismo em sala de aula são muitos por conta de vários fatores, o docente vai passar por várias situações delicadas, uma formação continuada será bem importante para que o mesmo consiga lidar com os problemas que enfrentará durante o processo de ensino e aprendizagem do aluno autista em sala de aula. E ainda deve ter um suporte de toda a comunidade escolar e familiar.

[...] planejamentos que possam ser (re) construídos e que sejam resultado de um trabalho de professor regente, do professor de apoio, profissionais da equipe diagnóstica e dos pais [...] a forma de lidar a 14 organização do comportamentos favoráveis ao processo de ensino aprendizagem [...] (COELHO, 2010, p.69).

Percebe-se uma busca constante para que a inclusão se torne uma realidade em nossa sociedade, mas tem sido um desafio. Pois as escolas inclusivas devem ser uma escola para todos, ou seja, aquela que implica num sistema educacional que reconhece e atende as diferenças individuais respeitando as necessidades de todos os alunos. As estratégias de atuação do docente em sala serão essências para o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos.



De acordo com Glat e Nogueira (2002) o despreparo dos professores é sem dúvida uma das principais barreiras que impedem a educação efetiva de alunos deficientes, apesar da importância desse aspecto ser reconhecido pelo artigo da LDB.

Para que as estratégias funcionem o professor terá que está bem capacitado, mas na maioria das vezes isso não é possível, pois estes não tem uma formação continuada ou não tiveram uma inicial nas instituições de formação adequada para lidar com as crianças que tenha essa necessidade educacional, acabam não sabendo aplicar práticas pedagógicas para os mesmos, ou não realizam atividades diferenciadas, ou apenas fazem o mesmo que a turma, não respeitando as dificuldades enfrentadas pelos alunos, o que deixa de ser uma inclusão, e acaba acarretando situações delicadas tanto para o desenvolvimento do aluno com o transtorno, quanto para o docente que não consegue encontrar meios que contribuam no processo de ensino e aprendizagem, tornando assim dificultoso para ambas as partes.

O que percebemos com a pesquisa de campo que falta estratégias para manter atenção do aluno autista, que o que lembrou a educação assistencialista, pois não fazem algo diferenciado para aquele aluno, como, utilizar jogos, fazer atividades menores e que chamem sua atenção, não exploram o cotidiano, deixam de privilegiar as habilidades que o aluno.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Na realização do trabalho, foram utilizadas as orientações do método etnográfico. Segundo Lüdke e André (1986), a pesquisa etnográfica possui três etapas: a exploração, a decisão, que interfere nas escolhas dos dados relevantes, das fontes utilizadas e até dos instrumentos e a finalização, que interfere na explicação da realidade e na forma de interpretar as várias descobertas num contexto mais amplo.

Estando divididas estas três etapas, é possível entender que o método etnográfico envolve múltiplas estruturas após a investigação. Neste caso, como a pesquisa etnográfica envolve a ida a campo, esta também foi contemplada neste trabalho, pois, como afirma Gonçalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (p. 67).

Desse modo, compreende-se que a pesquisa de campo deve ter suas informações retiradas diretamente da fonte, ou seja, do lugar onde se vai fazer a pesquisa. Quanto aos dados obtidos na pesquisa, foram analisados de forma qualitativa, uma vez que para Teixeira (2006, p. 137), neste tipo de abordagem:

[...] o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na análise e compreensão dos fenômenos estudados.

Ou seja, nesse tipo de abordagem as informações coletadas são analisadas de uma forma organizada, porém, levando em consideração a própria intuição e tentando conhecer a motivação para as respostas da pesquisa, partindo dos fenômenos humanos observados durante a elaboração do trabalho, ela é de certa forma livre e incentiva o pensamento espontâneo.

Foi aplicado um questionário a fim de se obter “informações sobre opiniões, crenças, sentimentos interesses, expectativas, situações vivenciadas ou ainda para descrever as características e medir determinadas variáveis” (GIL, 2010, p. 121). O mesmo contou com a participação de professores de uma instituição de ensino privada da cidade de Boa Vista – RR. A distribuição dos questionários foi realizada na escola em que os entrevistados exercem a profissão, após autorização da gestão da escola.

O questionário foi elaborado com questões abertas e fechadas. Vale ressaltar que uma pergunta fechada ao responder “sim” ou “não”. As outras perguntas foram elaboradas para justificadas algumas respostas. Antes da entrega dos questionários, houve uma entrevista objetivando fornecer algumas informações sobre a pesquisa em curso. Os dados colhidos foram analisados e tratados e são, portanto, estritamente anônimos e confidenciais.

Assim sendo, a partir das respostas dadas pelos professores, explicitaremos os resultados.

Dessa forma, quanto às habilitações, três dos respondentes são formados em Pedagogia e 01 é formado em Letras com especialização em Gestão. A média do tempo de serviço é de 10 anos.

Quando perguntados qual a grande dificuldade para incluir o aluno com TEA com os demais alunos da sala, vejamos:

*“Quando você não tem conhecimento sobre o transtorno acaba dificultando o aprendizado e qualquer inclusão”* diz uma educadora da turma “A”.

*“É a disponibilidade em algumas situações que a escola não tem com o professor”* responde a professora da turma “B”.

*“A falta de preparo e uma formação inicial e continuada”* diz a docente da turma “C”.

Podemos constatar que os professores entrevistados apesar do tempo de atuação em sala de aula os mesmos tinham pouco conhecimentos sobre o assunto em questão, devido ainda, as respostas das outras perguntas demonstrarem que não tiveram uma formação adequada para atuarem com alunos com necessidades educativas especiais e não conseguem aplicar uma metodologia adequada que possa contribuir no desenvolvimento dos alunos autistas.

As diversas práticas pedagógicas na escola podem contribuir para desenvolvimento infantil no âmbito linguístico, cognitivo, social, emocional. É válido ressaltar as diversas estratégias de mediação e suas implicações para a constituição das funções psicológicas superiores (LEMOS; SALOMÃO e AGRIPINO-RAMOS, 2014; VYGOTSKY, 2010).

Em uma das questões foi questionado se utiliza metodologia diferenciada com os alunos com transtorno do espectro autista, vejamos as seguintes respostas:

*“Sim, utilizo jogos lúdicos e acompanhamento de perto”* respondeu a professora da turma “A”.

*“Não utilizo, pois ele acompanha a turma em todas as atividades, apenas nas questões da socialização”* diz a docente da turma “B”.

*“Não, pois não consigo estratégias para trabalhar com o aluno devido seu nível do transtorno”* diz a educadora da turma “C”.

Podemos notar com a entrevista e os questionários que cada professor dessa instituição trabalha com um aluno de níveis e idades diferentes que apresenta o transtorno, o nível leve que apesar de não fazer atividades, pois acompanha a turma precisa trabalhar a socialização do educando. Já educadora que está com o aluno

nível moderado, tem suas práticas diferenciadas, com jogos lúdicos e acompanhamento. Uma das entrevistadas explica o motivo de não utilizar metodologia diferenciada, pois seu aluno possui o transtorno em seu nível severo o que requer de um conhecimento mais aprofundado e que a escola não dá o suporte necessário para que possa obter êxito em sua prática e que geralmente o aluno fica mais fora da sala com um auxiliar que na própria classe, onde a mesma não consegue aplicar nem uma atividade, onde relata que o aluno é agressivo, não se comunica e não aceita nenhuma atividade proposta.

Os TEA's apresentam ampla gama de severidade e prejuízos, sendo frequentemente a causa da deficiência grave, representando um grande problema de saúde pública. Há uma grande heterogeneidade na apresentação fenotípica do TEA, tanto com a relação à configuração e severidade dos sintomas comportamentais (Geschwind,2009).

Em um dos questionamentos foi levantado a seguinte questão: se sente preparada para receber os alunos com TEA, a respostas das três professoras foram unânimes que não estão preparadas, o que se observa é que a capacitação do professor em sua formação acadêmica foi insuficiente para que exerça a prática inclusiva dos alunos com necessidades educativas especiais, com isso os desafios existentes para com a prática com os alunos com TEA, onde se faz necessário uma formação inicial e continuada, e ainda, o apoio e suporte da escola, sendo que pelas respostas podemos constatar que não dão o apoio necessário o que dificulta ainda mais o trabalho a ser feito.

De acordo com Baraúna e Santos (2010, p.274- 275):

Uma parcela significativa dos professores que desenvolvem um trabalho dentro da proposta inclusiva não possui formação inicial adequada capaz de oferecer um aporte teórico e prático para realização de seu trabalho [...] A reflexão deve estar constantemente presente para que a prática não se torne estática ou inapropriada para uma sociedade em constante transformação.

A formação docente está especialmente ligada com a formação do cidadão, e para exercer sua função com um bom resultado, as pessoas que trabalham precisam de uma formação continuada de qualidade (FREIRE, 2014).

A Cartilha de Educação Inclusiva, disponibilizada pelo MEC (2004, p.26) afirma com relação à Sistemática formal de suporte para o professor, que:

O suporte para o professor do ensino regular que recebe alunos com necessidades educacionais especiais, em sala de aula, deve ser ministrado pela Coordenação Pedagógica [...] a qual deve ter conhecimento dos conteúdos curriculares, dos métodos de ensino, dos recursos didático-pedagógicos e estimular a criatividade do professor. A coordenação Pedagógica deve ser ativa e participante do cotidiano da sala de aula, da escola e das relações com a comunidade. Outra fonte importante de suporte para o professor do ensino regular é o assessoramento de uma equipe interdisciplinar, que deverá contribuir com seus conhecimentos sobre recursos e métodos para ensino de alunos com necessidades educacionais especiais. (BRASIL, 2004. p26).

O conhecimento para trabalhar com alunos com deficiência não deve ser apenas dos professores, mas de toda a comunidade escolar envolvida. Mas hoje ainda, nem todos os profissionais da educação estão familiarizados com o assunto, o que dificulta ainda mais o trabalho a ser feito e além do suporte que não obtiveram na sua formação inicial, tem a questão de não serem oferecidos a todos a formação continuada.

Com os depoimentos podemos perceber que os professores reclamam que sua formação não foi suficiente para lidar com tais alunos, o que acarreta diversos desafios, como não conseguir de fato inserir os alunos como é proposto, a socialização de fato não ocorre, etapa tão importante principalmente para alunos com TEA possuem dificuldades com a socialização e comunicação com os demais.

Percebemos com a pesquisa de campo que falta estratégias para manter atenção do aluno autista, que por vezes lembrou a educação assistencialista, pois não fazem algo diferenciado para aquele aluno, como, utilizar jogos, fazer atividades menores e que chamem sua atenção, não exploram o cotidiano, deixam de privilegiar as habilidades que o aluno. E podemos comprovar que existe realmente certo receio, medo de trabalhar com tais alunos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAS**

Diante dos fatos apresentados podemos concluir que o professor enfrenta diversos desafios em sala de aula com alunos com transtorno do espectro autista, por falta de informação sobre o assunto. Com isso não encontra estratégias para aplicar em sua prática pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de tais alunos. Logo, essa falta de conhecimento dos docentes traz consequências para a vida estudantil e a vida fora do ambiente escola, porque em vez de contribuir no desenvolvimento do educando acaba estagnando o mesmo.

Nesse sentido, as crianças com esse transtorno acabam sendo excluída no contexto escolar, pois seria papel do professor ser mediador no processo de socialização e interação com os demais alunos. É importante destacar que essa dificuldade não impede a aprendizagem escolar, contudo cria obstáculos que podem ser superados a partir de uma compreensão e um acompanhamento especializado por parte de uma equipe multidisciplinar. Dessa forma, quanto mais amplo o contexto que observamos sobre o TEA, mais fácil será entender suas causas e lidar com ela.

Outro ponto a destacar é que a vida de uma criança com autismo é considerada normal como a dos outros alunos, porém a mesma necessitará sempre de um apoio maior, como também de incentivo por parte das pessoas que a cercam, haja visto que, todos possuem especificidades. Para isso, é preciso que as escolas e os professores estejam engajados e organizados pedagogicamente para receberem e acolherem esses alunos.

Em suma, podemos concluir que as professoras participantes da pesquisa se apresentam despreparadas para desenvolver práticas inclusivas devido à falta de formação específica na área da educação e suporte necessário da comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELISÁRIO FILHO, J. F. CUNHA, P. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **D.O.U.**, dezembro de 1996, Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei Berenice Piana**. Institui a Política Nacional de Proteção aos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Lei 12.764/2012, de 27 de dezembro de 2012.

CHIOTE, F. A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil: trabalhando a mediação pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

COELHO, Cristina M. Inclusão escolar. In: MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Orgs). Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar. Brasília: Editora UnB, 2010. Cap.2, p.55-71.

FONSENCA, M. E. G. **O diagnóstico dos transtornos do espectro autismo- TEA**. Disponível: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20038/1/ClaudiaRobertoSoaresDeMacedo\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20038/1/ClaudiaRobertoSoaresDeMacedo_DISSERT.pdf)>. Acesso em 05 de out. 2018.

FREIRE, A. Formação de educadores em serviço: construindo sujeitos, produzindo singularidades. In: KRAMER, S. et al. (Orgs.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 2014. p. 77-99.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas 2010.

GONÇALVES, Elisa Pereira. Iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

LEMONS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shírley. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre Interações sociais no contexto escolar**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v. 20, n. 1, p.117-130, 2014.

MACÊDO, C. R. S. de. **A criança com Transtorno do espectro Autista (TEA) e o professor: uma proposta de intervenção baseada na experiência de aprendizagem mediada (EAM)**. Disponível: <[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20038/1/ClaudiaRobertoSoaresDeMacedo\\_DISSERT.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/20038/1/ClaudiaRobertoSoaresDeMacedo_DISSERT.pdf)>. Acesso em 05 de out. 2018.

\_\_\_\_\_. •Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade**. Série: Educação inclusiva. V. 3: a escola. Brasília; 2004. Disponível

em<<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aescola.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2018.

NUNES, D. R. P. **Autismo e inclusão: entre realidade e mito**. In: MENDES. E. G.; ALMEIDA M.A. Dimensões pedagógicas nas práticas de inclusão escolar. Marília: ABPPE, 2012. P. 279-292.

PEREIRA, A. C. dos S. et al. **Transtorno do Espectro Autista: definição, características e atendimento educacional**. Educação Revista Batatais. V 5, nº 2. P 191-212,2015

RODRIGUES, J. M. C.; SPENCER, E. **A criança autista: um estudo psicopedagógico**. Rio de Janeiro, Wak editora, 2010.

SANTOS, A. F.; BARAÚNA, S. M..In: NOVAIS, G.S.; CILLINI, G. A. (Orgs). **Formação docente e práticas pedagógicas: olhares que se entrelaçam**. Araraquara: Junqueira&Marin: Belo Horizonte: FAPEMING, 2010.

SANTOS, S. D. G. **Autoconfrontação e o processo de inclusão: (re)vendo a atividade docente na educação superior**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira – Universidade Federal de Alagoas (UFA). 133f. Maceió, 2011.

SILVA, K. S. B. P.; MARTINS, L. A. R. Classes regulares: ambientes de enriquecimento humano frente à frente? In: MARTINS, L. A. R. et al. **Educação e inclusão social de pessoas com necessidades especiais: desafios e perspectivas**. João pessoa: Universitária, 2007. P. 73-78.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M, B.; REVELES, L.T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora Fontana, 2012.